

## O falo castrado do capitalismo

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Possível fosse projetar espacialmente as Torres Gêmeas do complexo *World Trade Center*, acopladas ao “saco pentagonal” do núcleo de inteligência das forças armadas dos Estados Unidos em Washington, teríamos sem dúvida o maior falo de concreto armado do mundo, uma poderosa espingarda capital de cano duplo cujo sêmen munição seriam os artefatos bélico-ideológicos do poliedro da capital americana. Eretos de modo opulento no sul da bela ilha de Manhatthan tornaram-se os principais ícones do poder econômico da dita maior potência do planeta. Eu, particularmente, estive nas torres por duas vezes. Em 1980, numa época algo mais inocente, aonde ainda não eram tantos os turistas e nem cobrados ingressos, e em 1997, onde filas que fazem páreo com as da Disney pagavam para conhecer a grande Meca do capitalismo e através de seus poderosos e rápidos elevadores chegar “aos céus”. *The top of de World* como dizem na orgulhosa Nova York.

Não, não era filme, infelizmente. Não se tratava de nenhum efeito especial de Hollywood, de nenhum ataque de extraterrestres, de nenhum King Kong ou Godzilla, de nenhum filme-catástrofe do tipo: “*Earthquake*”, “*Day after*”, “*Independence Day*”. “*Jogos patrióticos*”, “*Executive orders*”, “*Nova York sitiada*” ou outro qualquer desses *infundáveis sangrentos enlatados*. O inferno nas torres era real. Assistíamos ao vivo ao maior ato terrorista da história do ocidente, e, num ineditismo histórico, dentro das fronteiras americanas. Sim, nunca antes na História os Estados Unidos foram atacados. É ridículo comparar tal episódio a Pearl Harbor. Uma base militar, a rigor forasteira, incrustada na cultura pérola e pacífica do Havaí que virou o quinquagésimo Estado do expansionismo imperial americano.

Inacreditável? Nem tanto. Não foi o cinema que antecipou a visão da tragédia. É própria cultura paranóica norte-americana, que sabia – algo inconsciente - que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria. Reza a máxima paranóica: “SE NÃO TRATAMOS MELHOR O MUNDO, NÃO TEMOS MOTIVOS PARA ACREDITAR QUE O MUNDO NOS TRATE MELHOR”.

Todos sabem, por exemplo, que as pesadas e de certo modo impagáveis indenizações cobradas de uma Alemanha destruída após ao primeiro conflito mundial ajudaram a incrementar os pruridos nacionalistas que levaram o terrorista Adolf Hitler ao poder e serviram de estímulo para a segunda grande guerra. Então: como aceitar que continuem os Estados Unidos a sangrarem a economia mundial,

principalmente dos países pobres, num jogo de agiotagem para sustentar seu famoso *american way*. Será que o povo americano nunca se dará conta que grande parte de sua riqueza não é fruto de seu inegável talento ou meritoria capacidade de trabalho, e sim de uma incontrolável e infundável “usurpação democrática”? Será que a gente livre da América continuará alienada e não desconfiará que seu democrático governo tem apoiado todos os tipos de sangrentas ditaduras e grupos terroristas (como o próprio Talibã posto no poder pelo EUA quando do conflito do Afeganistão com a União Soviética), financiado guerras e contribuído para milhões de mortes de gente livre no mundo para defender seus interesses econômicos e a soberania de seu suposto mundo livre?

A paranóia dos americanos é bem conhecida. Paranóia essa que alimenta a intolerância e a arrogância. Em defesa de seu sagrado estado soberano e de seus ideais de liberdade, não vacilam em usar de crueldade para levar a cabo tais fins. Para buscar legitimidade para as atrocidades cometidas se assenhoram de principais defensores do mundo livre e de serem o sustentáculo da democracia. No entanto a história desnuda a falácia: o imbecil movimento do Maccarthismo que se caracterizava pelo programa de “luta contra as atividades antiamericanas” foi um bom exemplo da intolerância democrática deste país. Espécie de guerra santa de olhos azuis dos anos cinquenta que perseguiu americanos livres (funcionários públicos, artistas, intelectuais e tantos outros) em todo o país e deu cabo de muitos, porque defendiam os ideais socialistas e a utopia comunista. Em nome de Deus e da família americana não titubearam em desfalcar as “famílias americanas desalinhasdas”.

País que foi palco do maior conflito fratricida que se tem notícia. (quatro anos de guerra que dão ao tempo de conflito grandeza comparável com a das grandes guerras mundiais). Fratricídio onde os escravistas atrasados do sul, não conseguiam entender ainda o credo liberal do norte que já sabia que escravos são os outros. País que defende a sacralidade da propriedade em que propriedades não sacras são a dos outros (Palestina, Porto Rico, Panamá, Amazônia, por exemplo). País cujo estilo seria garantir a paz pela brutalidade.

O medíocre George W. Bush – que caminha de peito estufado e asinha aberta tipo: “vou meter a porrada” – que passaria certamente despercebido pela história encontrou a passarela para desfilas. Apoiado pela indústria bélica americana que o ajudou eleger fala, escorrendo saliva pelos cantos da boca, de “um novo tipo de guerra, a primeira do século XXI”. Fala repetida de modo triste pelo o papagaio FHC, um dos gerentes dos negócios do império no cone sul. Que novo tipo de guerra? O que pode haver de novo no terrorismo? Que os EUA não irão

tolerar os países que abrigam terroristas? Ótimo, podem começar não se tolerando e combatendo em casa seus terroristas de língua inglesa, proibindo, por exemplo, as atividades da odiosa Ku Klux Klan que fazem de tiro ao alvo aos negros ou que matam seus presidentes quando não agradam. Devem pressionar com seus Porta-aviões a Irlanda que abriga o IRA ou a Espanha que abriga o ETA. Setenta e duas horas para tanto. Ridículo não?

Novo tipo de guerra é terem se dado conta que a América não está imune ao terror em grandes proporções e que não podem mais assistir as guerras do lado de fora. Novo tipo de guerra é a guerra que chegou lá. Explosão de verdade e não os efeitos sonoros do cinema. A pátria da liberdade tem inúmeros e tristes envolvimento com sítios de conflito em vários pontos do globo, contribuíram para o desaparecimento de inúmeras cidades e vidas, tendo inclusive feito uso das tão temidas armas nucleares com a “desculpa esfarrapada” de que se daria fim ao conflito (Hiroshima e Nagasaki foram devastadas). Usariam a morte para acabar com a morte rezou a lógica yankee.

Quem sabe que sendo pela primeira vez na história cenário de gigantesca dor essa brava gente americana não acorde do estado alienado que se encontra. Que descubra que a MORTE é também livre e democrática. Ou seja, vem para todos, inclusive para eles.

Tem-se, portanto, dois caminhos para se combater o terrorismo: pela força como tem sido feito até agora e de modo inútil e pelo amor, caminho esquecido e ridicularizado. A poderosa Nação Americana tem nas mãos a difícil escolha, já que seu atual presidente me parece bem mais belicoso quando comparado com seu antecessor, famoso pelas suas estrepolias amorosas.

Uma correspondente da CNN em língua espanhola perguntou a uma autoridade em Washington qual seria o lado positivo do terrível acontecimento? E ele respondeu, é claro, que não há lado positivo numa tragédia dessa. O que concordo plenamente. Mas eu entendi o que quis ela perguntar. Que diante de tanta coisa negativa se algo de positivo poderia brotar?

Espero que sim, o mundo verdadeiramente livre espera que sim, que todo esse sangue derramado, que toda essa dor, possa inspirar a busca da paz e não alimentar retaliações (terrorismo de estado) para se derramar mais sangue inocente. Lembro Buda que irá dizer: *“se ao ódio se responde com ódio quando o ódio acabará?”*

Que os deuses e os homens inspirados nos salve de mais uma grande guerra! Que os Estados Unidos possam dar um real testemunho de sua grandeza e refletir que precisam mudar o rumo de sua política interna e externa, de se questionar por que estão atraindo para si tanto ódio, que possam reconhecer que o falo arrogante, cruel e negociata

castrado de sua cultura de espoliação deve dar lugar ao falo da tolerância, que faz amor e gera a vida. Eles certamente possuem talento para isso também.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).